

O conclave da incerteza

ELEIÇÃO DO SUCESSOR DE FRANCISCO É UMA DAS MAIS IMPREVISÍVEIS, SEGUNDO ESPECIALISTAS. VATICANISTAS AVALIAM RISCO DE **GUINADA** DE RUMO NA IGREJA CATÓLICA, MAS RECONHECEM O LEGADO DO ARGENTINO

» RODRIGO CRAVEIRO
ENVIADO ESPECIAL

Roma — Em exatamente uma semana, 133 cardeais decidirão o futuro da Igreja Católica. Para especialistas na Santa Sé, a eleição do sucessor do apóstolo Pedro e do papa Francisco é um das mais incertas dos últimos tempos. Na escolha do sucessor, são necessários os dois terços dos votos, ou seja 89. Para tanto os cardeais precisam de articulações e capacidade de convencimento. O Vaticano confirmou que dois purpurados não viajarão a Roma por problemas de saúde, além de Giovanni Angelo Becciu, condenado por crimes financeiros, que desistiu após pedido expresso do argentino. Francisco nomeou 80% dos cardeais que estarão presentes no conclave — o que não garante que o próximo papa será alinhado aos princípios do jesuíta argentino.

Mirticeli Medeiros, vaticanista e doutorando em história do catolicismo, em Roma, admite: “Nós estamos diante de um dos pontificados mais imprevisíveis do mundo contemporâneo, desde 1870, quando ruiu o Estado pontifício, com o governo do último papa rei da história, Pio IX”. A estudiosa explicou que o Colégio Cardinalício ganhou características inéditas, em relação a outros Colégios Cardinalícios de outras fases.

“É o mais internacional, o mais multicultural, plural e diversificado. O papa Francisco, por causa de sua geopolítica em direção ao sinodal, às periferias existenciais e físicas, criou cardeais não com base em suas aptidões intelectuais, políticas ou diplomáticas, mas por causa de seu trabalho pastoral”, disse Medeiros ao **Correio**. Ela cita, como



Praça de São Pedro com a Basílica de São Pedro ao fundo, na Cidade do Vaticano

exemplo, o cardeal Giorgio Marengo, um dos mais jovens do Colégio Cardinalício, à frente de uma Prefeitura Apostólica na Mongólia, país no qual inexistem dioceses.

O conclave terá início em 7 de maio, às 10h (5h em Brasília), com uma missa celebrada na Basílica de São Pedro por Giovanni Battista Re, decano do Colégio Cardinalício. Às 16h30 (hora local), os cardeais entrarão na Capela Sistina, farão uma oração conjunta e, depois, saem em procissão solene no local entoando o cântico *Veni Creator (Vindem Criador)*. Depois de um juramento em que prometem guardar silêncio absoluto sobre tudo o que acontecer na Capela Sistina, eles começarão a votar. Na

quarta-feira, haverá apenas uma votação. Na quinta, serão duas pela manhã e duas tarde, e assim nos próximos dias, até que algum cardeal tenha dois terços dos votos.

Improvável, não impossível

A vaticanista cita o nome do brasileiro Dom Odilo Pedro Scherer como improvável, mas não impossível. “Ele tem experiência na Cúria Romana. Foi bispo e tem atuação pastoral. Cardeais que atuam no Colégio Cardinalício como uma espécie de pope-makers (‘fazedores de papas’) poderiam estar de olho nele, como é o caso do cardeal Giovanni Battista Re, com quem ele trabalhou e quem

foi responsável por sua nomeação episcopal”, explicou Medeiros.

Para a especialista, outros cardeais alinhados a Francisco não receberão votos, por haver uma tendência de busca de uma figura mais moderada, capaz de dialogar com os conservadores. Medeiros destaca o papel de D. Sérgio da Rocha, arcebispo de Salvador, na colocação de figuras em posições de destaque para oferecer opções de escolha em um eventual conclave.

“Sérgio da Rocha integra um grupo de cardeais conselheiros, criado por Francisco, para auxiliá-lo na reforma da Cúria Romana”, observou. Ainda segundo Medeiros, é difícil traçar o perfil de papa que os cardeais estão privilegiando. “Mas podemos

intuir tendências. Saímos de um pontificado extremamente popular. Uma ruptura em relação a este modelo talvez traga prejuízos para a Igreja Católica, principalmente no que diz respeito à visibilidade. Reformador, Francisco mexeu nas finanças do Vaticano e criou leis mais rígidas para a punição de abuso.”

Por sua vez, Filipe Domingues, vaticanista e doutor em ciências sociais pela Pontifícia Universidade Gregoriana (em Roma), considera que há poucas chances de o Brasil fazer um papa neste conclave. “Nenhum dos nossos cardeais se destaca no contexto internacional. São conhecidos, têm bom trânsito, mas não têm grande

EU acho...



“A tendência é a Igreja escolher um papa que prossiga com as reformas de Francisco, que leve adiante aquilo que ele começou. Isso se refere às reformas, não tanto à personalidade ou ao jeito de governar. Diz respeito à reforma da Cúria, à sinodalidade, a essa Igreja mais consultiva e participativa, que toma decisões de baixo para cima.”

Filipe Domingues, vaticanista e doutor em ciências sociais pela Pontifícia Universidade Gregoriana (em Roma)

visibilidade. Os mais visíveis no cenário internacional são o Dom Sérgio da Rocha e o D. João Braz de Avis, que foi prefeito do Dicastério para Vida Religiosa. Além disso, o Dom Odilo Scherer, cujo nome estava entre os papáveis no último conclave”, disse ao **Correio**.

Domingues vê a tendência de um retorno à Europa ou a assunção de um papa de uma região inédita. “É imprevisível. Quando você tem cardeais trabalhando juntos, tudo pode acontecer.” Ele não descartou, porém, uma mudança no estilo e na personalidade do papa. “Talvez escolham alguém mais protocolar, que siga um pouco mais as normas de protocolos e se comunique de forma menos espontânea.”

ENTREVISTA | Dom Marcony Vinícius Ferreira, ARCEBISPO MILITAR DO BRASIL

Para Dom Marcony Vinícius Ferreira, arcebispo ordinário militar do Brasil, não existe risco de uma guinada conservadora no comando da Igreja Católica. Em viagem a Roma, onde participou dos funerais de Francisco, ele acredita que os cardeais reconhecem a grandeza do pontificado do jesuíta argentino nos tempos modernos. “Até pessoas que não são cristãs, que não são católicas, reconhecem os passos que Francisco deu”, observou, ao mencionar a simplicidade como um dos traços mais importantes de Francisco. D. Marcony recebeu o **Correio** no Colégio Pontifício Brasileiro, na capital italiana, onde estão hospedados os cardeais brasileiros. Morador de Brasília, o arcebispo militar admitiu a possibilidade de o Brasil fazer seu primeiro papa. “A gente sempre sabe que a vontade é de Deus. É o Espírito Santo quem ilumina os cardeais. Possibilidades sempre têm, porque todos entram iguais em um conclave.”

Quais as possibilidades de termos o primeiro papa brasileiro?

A gente sempre sabe que a vontade é de Deus. É o Espírito Santo quem ilumina os cardeais. Possibilidades sempre têm, porque todos entram iguais em um conclave, não é? Mas, ao mesmo tempo, também se comenta que, uma vez sendo papa um latino-americano, viria um pontífice de outro continente. É o que a gente escuta, inclusive nos meios de comunicação. Nada impede que se tenha

um papa brasileiro. No entanto, são conjecturas e pensamentos que a gente não mergulha muito neles, até mesmo porque a gente deixa os cardeais muito à vontade, como também temos confiança na providência divina, que suscitará um papa que guie a Igreja por inteiro.

Mas quem vem com boas possibilidades?

Nossos brasileiros, todos eles são muito santos. Nossos cardeais são homens de Deus, que se preocupam com suas dioceses, com o bem da Igreja no Brasil e no mundo, a participação no Sínodo e neste ano santo, o ano da esperança. Nossos cardeais têm feito um trabalho dentro e fora da Igreja, no sentido de acolher a todos e seguir Francisco, a preocupação com as vocações... A gente não busca ver como uma eleição e quem está concorrendo e quem não está. O Brasil pode dar uma boa participação neste conclave. Cada um deles é homem de Deus. Tenho certeza de que estão se preocupando com o bem da Igreja e da humanidade.

O senhor tem um palpite sobre quem será escolhido o líder da Igreja neste conclave?

Palpite eu não tenho. A gente acompanha o que a própria mídia nos traz, quando falam de um italiano ou, talvez, de um africano. Mas intimidade, ou até mesmo conhecimento para dizer



quem será papa, a gente não tem. Eles estão, agora, nas reuniões chamadas de congregações — onde se conhecem mais. Iluminados pelo Espírito Santo, eles escolhem aquele que é mais rápido para o momento. Creio que cada papa tem seu momento, e o Espírito Santo suscita na Igreja para um momento próprio da instituição. Acho que o próximo papa terá que enfrentar a inteligência artificial, os conflitos que Francisco começou dentro e fora da Igreja, sobretudo no campo da paz, da unidade do mundo inteiro, da comunhão, da fraternidade, e, igualmente, no trabalho, com a formação do clero e a presença da Igreja na evangelização do mundo.

Existe o temor de que uma ala conservadora ascenda ao pontificado e coloque em risco os avanços promovidos por Francisco?

Não creio nisso. Acho que todos os cardeais reconhecem a grandeza de Francisco, assim como o mundo inteiro. Até pessoas que não são cristãs, que não são católicas, reconhecem os passos que Francisco deu. Creio que a Igreja tem manifestado, na pessoa do papa Francisco, ainda a sua força. A força moral, a palavra moral do mundo, ainda é o Santo Padre. Ao mesmo tempo, seu exemplo de vida, que marcou bastante. Por isso, incomoda ter uma vida mais simples num mundo consumista, ter

uma vida voltada para os pobres num mundo que busca grandeza e os primeiros lugares. Tudo isso incomoda, até mesmo no clero. A presença do papa Francisco veio não só para iluminar e alertar, mas, sobretudo, para que vivamos o Evangelho. Ele foi um Evangelho vivo. Os cardeais têm essa consciência de que, ao mesmo tempo que temos de buscar a unidade e a comunhão de toda a Igreja, devemos também reconhecer a grandeza do pontificado de Francisco nos nossos tempos modernos.

De todas as ações dele, quais foram as mais importantes?

Creio que a humanidade de Francisco e o acolhimento dele. Aí estão as duas palavras-chave. Em um mundo que tende a se preocupar mais com pets do que com pessoas humanas, tende-se a defender mais interesses do que valores, do que princípios, do que a própria vida. Francisco foi muito firme naquilo que o Nosso Senhor prevê: o amor, o acolhimento de todos. É bem verdade que mais se voltou para os pobres, e isso também foi o tempo de Jesus. Talvez incomode o mundo ainda, porque a gente que olhar para os nossos irmãos mais necessitados. O acolhimento e o humanismo de Francisco atingiram não apenas a Igreja, mas também o mundo inteiro.

E a Igreja sem Francisco, como é que fica?

Cada papa tem seu momento. Francisco cumpriu com sua missão. Por isso, diziam os cardeais, muito bem, no dia do enterro do papa, que havia uma mistura de sentimentos: aquela saudade, mas, ao mesmo tempo, uma ação de graças a Deus por tanto bem que ele fez à Igreja. Assim foi com João Paulo II e com Bento XVI e, agora, com Francisco. São os papas dos nossos tempos, em que Deus tem sido muito generoso com a humanidade e com a Igreja, nos dando papas que foram exemplos de vida. Costumo dizer que João Paulo II, na visão geral, era um papa para ser visto. Ele abriu o papado, viajou o mundo inteiro e deu a presença do papa para as nações do mundo. Depois, veio Bento, um papa para ser lido, para se aprofundar nos mistérios de Deus e da Igreja, Não desdenhando dos outros, mas o papa Francisco é um papa para ser imitado nas suas atitudes. Ele carregava a própria bolsa, pagava seu hotel, preferia um carro mais simples. Enfim, todo o aspecto de uma imitação, de um exemplo de vida, com a própria experiência, com seu exemplo. Até mesmo deixou dinheiro para o seu próprio caixão. Enfim, todos os aspectos de um homem simples, de viver com dignidade, mas sem buscar luxo e os primeiros lugares, como tem sido o exemplo de nossos papas como nos últimos tempos. (RC)